

Data: 2013/01/26

Título: Como nasceu a tempestade que varreu Portugal

EXPRESSO - PRINCIPAL

Como nasceu a tempestade que varreu Portugal

Veio do Canadá e Gong foi o nome que lhe deram P18



SOCIEDADE TEMPORAL

Clima A história da tempestade batizada por uma rádio alemã que há uma semana varreu parte de Portugal



A destruição tem um nome Gong

Texto RICARDO MARQUES
Foto JOSÉ VENTURA

Frank Beyhl esteve em Lisboa há seis anos. Passou pela cidade, visitou o Cabo da Roca e garante que adorou a viagem. Nos últimos dias, a história de Beyhl voltou a cruzar-se com a de Portugal. Em dezembro, este diretor de programas de uma rádio de Würzburg, na Baviera, tinha doado 199 euros ao Instituto de Meteorologia da Universidade de Berlim — que tem um programa de troca de patrocínios por nomes de fenômenos meteorológicos extremos. “Quando avançamos não sabemos o que esperar. Pagámos uma baixa pressão, que custa 199 euros [uma alta pressão é 100 euros mais cara] e escolhemos um nome”. No último sábado, a baixa pressão apareceu e foi batizada. “Gong”. De Rádio Gong, 106.9 FM. “Na Alemanha, o ‘Gong’ provocou inúmeros acidentes devido à neve. Espero que aí em Portugal não tenha sido muito mau”, diz Frank Beyhl ao Expresso.

Na verdade, percebeu-se cedo que em Portugal ia ser mau. Muito mau. Ilda Novo, do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), recorda que os primeiros sinais surgiram na quinta-feira, 17 de janeiro, de manhã. “Dava para perceber que a situação ia ser grave”, admite. “Ficou decidido, na habitual reunião da manhã com a Proteção Civil, que haveria outra, ao fim da tarde, extraordinária, para uma nova avaliação”. A reunião da tarde ficou marcada para as 19h. “Tudo apontava para o pior cenário” — uma previsão que se concretizou no dia seguinte com um alerta vermelho generalizado.

Depois veio a realidade. Entre as 6h50 e as 12h de sábado, a região centro de Portugal foi atravessada por uma tempestade violenta, aquilo a que tecnicamente se chama uma depressão muito cavada ou ciclógenese explosiva

— que se caracteriza por uma descida excepcional da pressão atmosférica. O percurso da tempestade, que avançava a cerca de 85km/h, começou em Viana do Castelo, passou pelo Porto e acabou em Castelo Branco, seguindo depois para Espanha. A chuva e a violência do vento, com as rajadas mais fortes a rondarem os 140 km/h, deixaram muito pouco de pé (árvores, telhas, sinais, placas) voaram ou foram arrancados) e deixaram largas áreas do território às escuras, algumas durante dias.

O mau tempo que chegou no sábado nasceu na quinta-feira, ao largo da enorme península de Labrador, no Canadá, batizada com o nome do explorador açoriano João Fernandes Lavrador, o primeiro a ali chegar e a quem D. Manuel I concedeu a posse das terras em 1499. Uma forte corrente de Oeste, com ventos superiores a 350 km/h na troposfera, empurrou a depressão, ainda incipiente, através do Atlântico e, após uma mudança de direção, até à costa espanhola, onde estava na sexta-feira à noite, a 1000 quilómetros ao largo da Corunha e prestes a iniciar o tal processo de ciclógenese explosiva. A queda de pressão no centro foi de 28 hectopascals (hPa) em 19 horas — uma de-

pressão normal regista 10 em 24 horas.

A entrada em território nacional ocorreu em Viana do Castelo, às 6h50, uma hora depois de a depressão ter atingido o estado de maturidade. Dez minutos depois, Jorge Barroso, presidente da Câmara da Nazaré, estava a sair de casa para se encontrar com alguns funcionários municipais junto à praia. Pouco depois estavam todos trancados dentro da pastelaria Batel, onde três mulheres choravam ao ver a sua loja destruída. “Vim cá fora apanhar uma mesa e, por causa do vento, que a levantou, passou-me a 20 centímetros da cabeça”, conta o atarcaa, que só saiu da pastelaria depois do meio-dia.

A areia que o vento trouxera para a marginal era tanta que foram precisos três dias para a tirar. “Normalmente, num dia mau, fazemos isso numa tarde”, diz Jorge Barroso. “Há muitos estragos, muita gente afetada. E, por uma questão de equidade, se há apoios para algumas atividades económicas tem de haver para todas. Somos todos portugueses”. Uma hora depois, pelas 13h15, um veterinário chegava à Nazaré para almoçar com a mulher, que fazia anos nesse dia. António Pereira, de 48 anos, saíra de Tomar já depois de ter faltado a luz. “Não me preocupei muito. Pensei que a eletricidade seria restabelecida à tarde ou ao final do dia”, recorda. Pelo caminho, ao longo dos 110 quilómetros de IC9, foi anotando os estragos que via em terras desabitadas, árvores destruídas...

Na praia, as ondas eram cada vez maiores. Jorge Barroso garante que eram maiores do que a Pedra do Guilhim, que tem 18 metros. O Instituto Hidrográfico (que registou um recorde de ondas para Sines, com 17,5 metros) estimou em 19,4 metros a altura máxima das ondas na Nazaré. “Era impressionante, mas os estragos não vieram do mar”, assegura Barroso.

Em Aveiro, no entanto, do mar chegou um barco. O “Merle”, um cargueiro de 84 metros e 1500 toneladas, de bandeira das Ilhas Cook, que navegava ao largo em direção a Huelva, foi empurra-

do pelas ondas e pelo vento até ao areal da Praia da Torreira, onde encaidou, com tripulação a bordo, às 9h.

Vasco da Gama não aguentou

Santos Oliveira, comandante do Porto de Aveiro, estava na praia a ajudar a retirar os seis tripulantes. “O vento era tanto que não nos aguentávamos de pé, tínhamos de estar agarrados uns aos outros. E eu não sou pequeno. Além de que era impossível abrir os olhos, por causa da areia”, descreve. As causas do acidente vão ser apuradas num processo que está em curso e a remoção do navio, e do combustível a bordo, terá de ser garantida pelo armador.

São cerca de 100 quilómetros da Torreira até ao Jardim Botânico de Coimbra, agora encerrado devido às inúmeras árvores arrancadas e danificadas no sábado. No topo da extensa lista de prejuízos está uma falsa-araucária, de 30 metros, que tinha sido plantada na época em que o botânico Félix Avelar Brottero era diretor do jardim, entre 1791 e 1811.

Segundo responsáveis do jardim, os estragos ocorridos no sábado são mais graves do que os provocados em 15 de

fevereiro de 1941. Nesse dia, de acordo com o “Diário de Coimbra” da altura, um “horribil ciclone” devastou “campos e cidades, deixando por toda a parte uma nota de pavor e desgraça”.

Seis anos depois, no dia de Natal de 1947, em Évora, era inaugurada uma estátua de Vasco da Gama, oferecida pela província sul-africana do Natal. No sábado, uma árvore de grande porte caiu sobre a figura do navegador chumbada numa base de mármore e deixou os 300 quilos de bronze demasiado instáveis. A proteção civil municipal optou por a retirar. Agora, no jardim público da cidade, falta um marinho em cima do pedestal do homem que, com ordens de D. Manuel I, descobriu o caminho marítimo para a Índia.

Durante quatro dias, o veterinário António Pereira viu muito pouco em casa, em Santa Cruz, Tomar. Ao contrário do que pensava, a luz ainda não tinha voltado quando chegou da Nazaré. “No veio nessa noite nem no dia seguinte. “Foi o diabo”, garante. As cinco filhas tiveram de estudar à luz das velas, que todos os dias comprava no supermercado. “Acor-dávamos com frio e cheiro a cera queimada...” Na terça-feira, António reparou que o vizinho da frente já tinha luz. Pouco depois, havia um fio elétrico branco a atravessar a estrada. “Foi a única forma de ligar as arcas e os frigoríficos”, explica.

A energia elétrica voltou, por fim, na quarta-feira, às seis e meia da tarde. “Já tinha saudades de ver as notícias”. Pelo meio, todos os dias, várias vezes ao dia, ligava para a EDP. “Nenhuma das previsões que me deram se confirmou”, lamenta. “E acho inacreditável que não tenham conseguido prever o que ia acontecer”. Por outro lado, talvez também ninguém acredite que, há dois anos, o tornado que varreu a zona de Tomar passou mesmo à porta de António Pereira, o veterinário que no dia de anos da mulher chegou a casa coberto de areia da Nazaré. Mas passou.

ricmarques@expresso.imprensa.pt

A TEMPESTADE VIOLENTA QUE CHEGOU NO SÁBADO NASCEU DIAS ANTES, INOFENSIVA, AO LARGO DA PENÍNSULA DE LABRADOR, NO CANADÁ

EM PORTUGAL PERCEBEU-SE CEDO QUE IA SER MAU, MUITO MAU. AS IMAGENS IAM CHEGANDO. METEOROLOGIA E PROTEÇÃO CIVIL MARCAVAM MAIS REUNIÕES



As ondas geradas pelo "Gong" no mar revoltoso da Praia da Nazaré ultrapassaram os 19 metros, o equivalente a um prédio de seis andares

Vento não derrubou as árvores sozinho

Solos encharcados, raízes pouco profundas e debilidade das espécies potenciaram o efeito das rajadas na devastação da floresta em várias zonas do país

O levantamento total ainda não está feito, mas certo é que milhares de árvores, muitas centenárias, foram arrancadas pela raiz ou quebradas como um pau de fósforo um pouco por todo o país, de jardins públicos ou arruamentos urbanos às matas rurais mais densas.

E por que razão tombaram tão facilmente? Os ventos irascíveis, com rajadas de mais de 140 quilómetros por hora, funcionaram como o machado, auxiliado por outras causas onde se incluem a maleabilidade do solo encharcado, a velhice e a doença das árvores atingidas e o efeito domínio.

"O encharcamento do terreno torna o solo mais maleável, menos seguro e sem adesão para que as raízes resistam à pressão do vento", explica Francisco Castro Rego, presidente do Colégio Florestal da Ordem dos Engenheiros. Por outro lado, acrescenta, "as árvores de folha perene podem funcionar como uma vela e por isso serem mais atingidas, enquanto as de folha caduca (que cai no outono) têm mais resistência aos vendavais". E, em dias de tempestade no mar, é certo que as velas devem ser recolhidas para que os mastros não partam. No caso da floresta, é tarefa impossível. Só a natureza "recolhe" a folhagem.

Estas são algumas das causas que explicam a devastação ocorrida em locais como os Parques de Sintra, o Jardim Botânico de Coimbra ou a Mata do Buçaco, onde espécies centenárias tombaram, com prejuízos para a biodiversidade e obrigando ao encerramento dos locais ao público.

Voluntários para limpar

Só nas matas nacionais, a Secretaria de Estado das Florestas contabilizou mais de sete mil árvores derrubadas — o que, segundo o secretário de Estado Daniel Campelo, "é uma ínfima parte da realidade, já que estas matas representam cerca de dois por cento da floresta portuguesa". Mas não se mostra preocupado com esta devastação, já que, considera, "ao contrário do que se passa com a destruição na agricultura, no caso das matas nacionais pode-se fazer dinheiro". Ou seja, "os troncos podem ser vendidos para madeira ou lenha". Só nas áreas geridas pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Floresta estimam deter "130 metros cúbicos de material lenhoso tombado".

Em termos económicos os prejuízos advêm sobretudo dos estragos em edifícios ou veículos estacionados na via pública. Nestes casos, quando o seguro não cobre os danos, são os municípios as entidades responsabilizadas.

Para evitar danos pessoais e materiais, a Proteção Civil aconselha a não estacionar em locais onde existam árvores. Segundo Daniel Campelo, também é preciso "uma maior monitorização das autarquias e evitar ter árvores de risco na via pública". E adverte: "Não se deve replantar árvores de grande porte nos jardins e parques das cidades, porque não têm capacidade para desenvolver sistemas radiculares que as segurem nestas circunstâncias". Mas em plena serra de Sintra árvores antigas cederam porque estavam assentes em terreno rochoso, com pouca profundidade para as raízes se agarrarem bem à terra.

Este fim de semana é tempo de arregaçar as mangas. Entidades como a Parques de Sintra ou a Fundação Mata do Buçaco apelam à adesão de voluntários para uma campanha de limpeza.

CARLA TOMÁS
ctomas@expresso.imprensa.pt

Este fim de semana é de inverno. Mas normal

CHUVA Os próximos dias vão ser adequados à época do ano. "Estamos num período de inverno, rigoroso, com previsão de chuva associada à passagem de sistemas frontais", antecipa ao Expresso a meteorologista Ilda Novo, do IPMA. A precipitação deverá ser mais intensa no domingo, em especial a norte do sistema montanhoso Montejuento-Estrela, estando também prevista queda de neve nas terras altas do Norte e Centro. "Não se prevê vento muito forte. Tempo frio mas com valores dentro do normal para a época."



APAGÃO Perto de 11 mil quilómetros de linhas de média e alta tensão foram danificados durante a tempestade de sábado — que deixou fora de serviço 20 subestações e 400 saídas de subestações elétricas. Segundo a EDP, na terça-feira, 99% dos clientes atingidos pelo temporal já tinham energia em casa. Manuel Lourenço (na foto), de Ourém, faz parte do 1%. Na quinta-feira à noite, ao fim de cinco dias, continuava sem eletricidade. "Todos os meus vizinhos têm luz. Eu só preciso que resolvam um cabo partido", lamentava. FOTO TIAGO MIRANDA

2

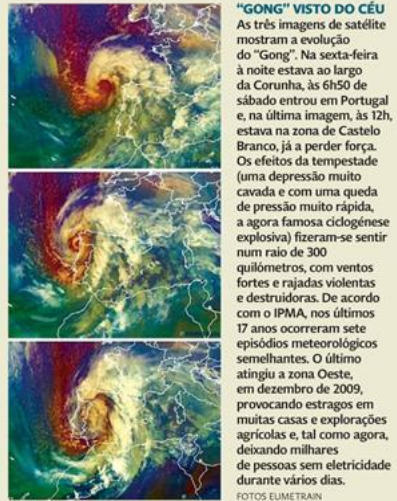
dias de férias inesperadas, com bastante neve à mistura, marcaram a semana de muitos estudantes dos concelhos da Guarda, Trancoso, Sabugal, Manteigas, Montalegre, Alijó, Vila Pouca de Aguiar e Vila Real. As aulas foram suspensas devido à neve e ao gelo nas estradas, que tornaram impossíveis ou pouco seguras as deslocações dos veículos que asseguram o transporte escolar

Forças armadas prestam apoio à EDP

TEMPORAL O Centro de Coordenação Operacional Nacional decidiu, na passada terça-feira, disponibilizar à EDP geradores elétricos das Forças Armadas. A intenção foi acelerar o processo de restabelecimento da normalidade nas zonas que permaneceram sem eletricidade em sequência aos danos causados pelo temporal do fim de semana passado. O Exército comunicou no mesmo dia que estava em curso uma operação de apoio de emergência à população de Pombal. A mobilização de 12 geradores elétricos para esta zona teve como finalidade possibilitar a alimentação de cerca de 800 habitações, em condições de consumo reduzido.

Seguradoras vão pagar mais de €3,5 milhões

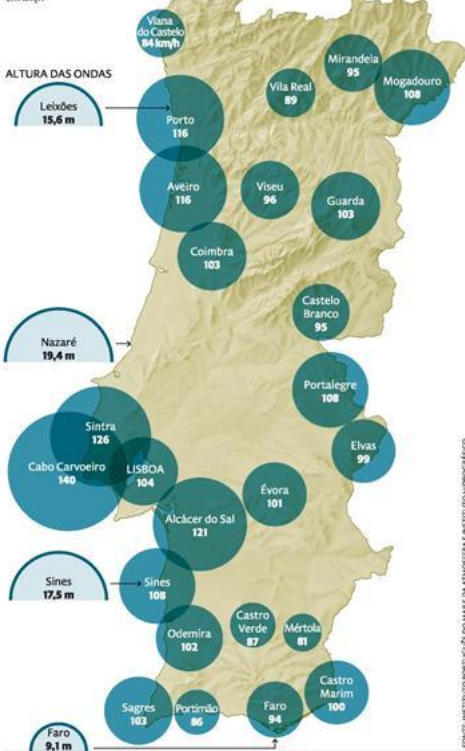
PREJUÍZOS A Associação Portuguesa de Seguradoras admitiu que os prejuízos causados pelo temporal de esta semana vão ser superiores aos registados no tornado do Algarve, em novembro: 3,5 milhões de euros e cerca de um milhão de situações. A extensão da zona afetada no último sábado, que abrange quase todo o território continental, e a natureza dos estragos, em meio urbano e nas zonas rurais, com muitas explorações agrícolas destruídas, justificam a estimativa das seguradoras, que admitem um tempo médio de 30 dias para efetuar os pagamentos.



"GONG" VISTO DO CÉU
As três imagens de satélite mostram a evolução do "Gong". Na sexta-feira à noite estava ao largo da Corunha, às 6h50 de sábado entrou em Portugal e, na última imagem, às 12h, estava na zona de Castelo Branco, já a perder força. Os efeitos da tempestade (uma depressão muito cavada e com uma queda de pressão muito rápida, a agora famosa ciclógenes explosiva) fizeram-se sentir num raio de 300 quilómetros, com ventos fortes e rajadas violentas e destruidoras. De acordo com o IPMA, nos últimos 17 anos ocorreram sete episódios meteorológicos semelhantes. O último atingiu a zona Oeste, em dezembro de 2009, provocando estragos em muitas casas e explorações agrícolas e, tal como agora, deixando milhares de pessoas sem eletricidade durante vários dias.

FOTOS EUMETRAIN

AS RAJADAS DE VENTO MAIS FORTES DO "GONG"



FONTE: INSTITUTO PORTUGUÊS DE METEOROLOGIA E INSTITUTO HINDENBURG